

olimpíada
de Língua Portuguesa

Coletânea Poemas



Distribuição gratuita

coletânea poemas

2

Tem tudo a ver
Elias José

Livros e flores
Machado de Assis

4

Quadras ao
gosto popular
Fernando Pessoa

6

O buraco
do tatu
Sérgio
Caparelli

7

A valsa
Casimiro de
Abreu

Duas dúzias de
coisinhas à toa
que deixam a
gente feliz
Otávio Roth

3

Travatrovas
Ciça

5

Emigração e as
consequências
Patativa do
Assaré

11

Rimas e quadras
Diversos autores

Definições
poéticas
José Paulo Paes e
Mario Quintana

8

Milagre no
Corcovado
Ângela Leite
de Souza

9

Cidadezinha
Mario Quintana

10

Convite
José Paulo Paes

13

Meus oito anos
Casimiro de Abreu

12

O leão
Vinicius de Moraes

14

Pássaro livre
Sidônio Muralha

Haícal

Guilherme de
Almeida

Trava-línguas

Domínio público

15

Confidência
do itabirano
Carlos Drummond
de Andrade

Alma cabloca
Paulo Setúbal

16

As Marias
do meu lugar
Carlos Victor
Dantas Araújo

17

Cidadezinha qualquer
Carlos Drummond de
Andrade

Cidadezinha
Edson Gabriel Garcia

Tem tudo a ver

Elias José

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.

A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.

A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo,
e o canto dos pássaros,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.

A poesia
— é só abrir os olhos e ver —
tem tudo a ver
com tudo.

Segredinhos de amor. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

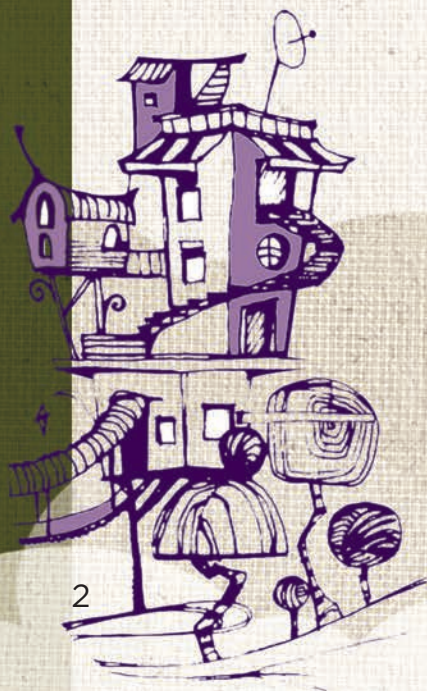
Livros e flores

Machado de Assis

Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?

Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?

Obra completa III.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.



Travatrovas

Ciça

O pedreiro Pedro Alfredo

*O pedreiro Pedro Alfredo,
o Pedro Alfredo Pereira,
tramou tretas intrigantes,
transou truques, pregou petas,
pois Pedro Alfredo Pereira
é um tremendo tratante!*

Se um dia me der na telha

*Se um dia me der na telha
eu frito a fruta na grelha
eu ponho a fralda na velha
eu como a crista do frango
eu cruzo zebu com abelha
eu fujo junto com a Amélia
se um dia me der na telha.*

Chegou “seu” Chico Sousa

*Só sei que “seu” Chico Sousa
chegou e trouxe da China
a seda xadrez da Célia
o xale roxo da Sônia
o xale cinza da Sheila
e a saia chique da Selma.*

Ciça. Travatrovas.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

© Ciça Alves Pinto.

Quadras ao gosto popular

Fernando Pessoa

*Eu tenho um colar de pérolas
Enfiado para te dar:
As per' las são os meus beijos,
O fio é o meu penar.*
Quadra 2 (27/8/1907)

*A caixa que não tem tampa
Fica sempre destapada.
Dá-me um sorriso dos teus
Porque não quero mais nada.*
Quadra 9 (11/7/1934)

*No baile em que dançam todos
Alguém fica sem dançar.
Melhor é não ir ao baile
Do que estar lá sem lá estar.*
Quadra 17 (4/8/1934)

*Vale a pena ser discreto?
Não sei bem se vale a pena.
O melhor é estar quieto
E ter a cara serena.*
Quadra 18 (18/8/1934 — data provável)

*Não digas mal de ninguém,
Que é de ti que dizes mal.
Quando dizes mal de alguém
Tudo no mundo é igual.*
Quadra 62 (11/9/1934)

Obra poética VI. Porto Alegre: L&PM, 2008.

Emigração e as consequências

Patativa do Assaré

Neste estilo popular
Nos meus singelos versinhos,
O leitor vai encontrar
Em vez de rosas espinhos
Na minha penosa lida
Conheço do mar da vida
As temerosas tormentas
Eu sou o poeta da roça
Tenho mão calosa e grossa
Do cabo das ferramentas

Por força da natureza
Sou poeta nordestino
Porém só conto a pobreza
Do meu mundo pequenino
Eu não sei contar as glórias
Nem também conto as vitórias
Do herói com seu brasão
Nem o mar com suas águas
Só sei contar minhas mágoas
E as mágoas do meu irmão

[...]

Meu bom Jesus Nazareno
Pela vossa majestade
Fazei que cada pequeno
Que vaga pela cidade
Tenha boa proteção
Tenha em vez de uma prisão
Aquele medonho inferno
Que revolta e desconsola
Bom conforto e boa escola
Um lápis e o caderno

Uma voz do Nordeste.
São Paulo: Hedra, 2000.



O buraco do tatu

Sérgio Caparelli

O tatu cava um buraco
À procura de uma lebre,
Quando sai pra se coçar,
Já está em Porto Alegre.

O tatu cava um buraco,
E fura a terra com gana,
Quando sai pra respirar,
Já está em Copacabana.

O tatu cava um buraco
E retira a terra aos montes,
Quando sai pra beber água,
Já está em Belo Horizonte.

O tatu cava um buraco,
Dia e noite, noite e dia,
Quando sai pra descansar,
Já está lá na Bahia.

O tatu cava um buraco,
Tira terra, muita terra,
Quando sai por falta de ar,
Já está na Inglaterra.

O tatu cava um buraco
E some dentro do chão,
Quando sai para respirar,
Já está lá no Japão.



O tatu cava um buraco.
Com as garras muito fortes,
Quando quer se refrescar,
Já está lá no Polo Norte.

O tatu cava um buraco,
Um buraco muito fundo,
Quando sai pra descansar,
Já está no fim do mundo.

O tatu cava um buraco,
Perde o fôlego, geme, sua,
Quando quer voltar atrás,
Leva um susto, está na Lua.

111 poemas para crianças.
Porto Alegre: L&PM, 2008.

A valsa

Casimiro de Abreu

<i>Tu ontem,</i>	<i>Na valsa</i>
<i>Na dança</i>	<i>Tão falsa,</i>
<i>Que cansa,</i>	<i>Corrias</i>
<i>Voavas</i>	<i>Fugias,</i>
<i>Co'as faces</i>	<i>Ardente,</i>
<i>Em rosas</i>	<i>Contente,</i>
<i>Formosas</i>	<i>Tranquila,</i>
<i>De vivo,</i>	<i>Serena,</i>
<i>Lascivo</i>	<i>Sem pena</i>
<i>Carmim;</i>	<i>De mim!</i>

Ilka Brunhilde Laurito (org.).
Casimiro de Abreu (Antologia). São Paulo: Abril
Educação, 1982. Série Literatura Comentada.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz

Otávio Roth

Passarinho na janela, pijama de flanela, brigadeiro na panela.

[...]

Almoço de domingo, revoada de flamingo, herói que fuma cachimbo.

[...]

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz.
São Paulo: Ática, 1994.

Milagre no Corcovado

Ângela Leite de Souza

Todas as noites
de céu nublado
no Corcovado
faz seu milagre
o Redentor:
fica pousado
no algodão-doce
iluminado
como se fosse
de isopor.

Mas todos sabem
que bem de perto
esse Jesus
é um gigante
de mais de mil
e cem toneladas...
Suba de trem,
vá pela estrada,
quem chega lá,
ao pé do Cristo,
vira mosquito.



E olhando em volta
para a cidade
de ponta a ponta
maravilhosa
a gente sente
um arrepio:
o milagre
é o próprio Rio!

Meus Rios. Belo Horizonte:
Formato, 2000.

Cidadezinha

Mario Quintana

*Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dô!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igrejinha de uma torre só...*

*Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...*

*Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!*

*Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...*

In: *Lili inventa o mundo*. São Paulo:
Global, 2005. © by Elena Quintana.



Convite

José Paulo Paes

*Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.*

*Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.*

*As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.*

*Como a água do rio
que é água sempre nova.*

*Como cada dia
que é sempre um novo dia.*

Vamos brincar de poesia?

*Poemas para brincar. 2ª ed.
São Paulo: Ática, 1991.*

Rimas e quadras

*O cravo brigou com a rosa,
Debaixo de uma sacada.
O cravo saiu ferido,
E a rosa despedaçada.*

Popular – Domínio público.

*Não sei se vá ou se fique
Não sei se fique ou se vá
Ficando aqui não vou lá
E ainda perco o meu pique.*

Silvio Romero. *Contos populares do Brasil*.
São Paulo: José Olympio, 1954.

*Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.*

Popular – Domínio público.

*Tinha tanto remendo
a calça do Raimundo,
que ele estudava nela
a geografia do mundo.*

Maria Dinorah, in: Vera Aguiar; Simone Assumpção;
Sissa Jacoby (orgs.). *Poesia fora da estante*.
10ª ed. Porto Alegre: Projeto, 2004.

Definições poéticas

Prosa: *A prosa é como trem, vai sempre em frente.*

Poesia: *A poesia é como o pêndulo dos relógios de antigamente, que ficava balançando de um lado para outro.*

José Paulo Paes. *Vejam como eu sei escrever*. São Paulo: Ática, 2001.

Reticências: *As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho...*

Mario Quintana. *Sapo amarelo*. São Paulo: Global, 2006.
© by Elena Quintana.



O leão

Vinicius de Moraes

Leão! Leão! Leão!
Rugindo como um trovão
Deu um pulo, e era uma vez
Um cabritinho montês

Leão! Leão! Leão!
És o rei da criação

Tua goela é uma fornalha
Teu salto, uma labareda
Tua garra, uma navalha
Cortando a presa na queda
Leão longe, leão perto
Nas areias do deserto
Leão alto, sobranceiro
Junto do despenhadeiro

Leão! Leão! Leão!
És o rei da criação

Leão na caça diurna
Saindo a correr da furna
Leão! Leão! Leão!
Foi Deus quem te fez ou não
Leão! Leão! Leão!
És o rei da criação

O salto do tigre é rápido
Como o raio, mas não há
Tigre no mundo que escape
Do salto que o leão dá

Não conheço quem defronte
O feroz rinoceronte
Pois bem, se ele vê o leão
Foge como um furacão

Leão! Leão! Leão!
És o rei da criação
Leão! Leão! Leão!
Foi Deus quem te fez ou não

Leão se esgueirando à espera
Da passagem de outra fera
Vem um tigre, como um dardo
Cai-lhe em cima o leopardo
E enquanto brigam, tranquilo
O leão fica olhando aquilo
Quando se cansam, o leão
Mata um com cada mão

A arca de Noé: poemas infantis.
São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

AUTORIZADO PELA VM EMPREENDIMENTOS
ARTÍSTICOS E CULTURAIS LTDA. ©VM



Meus oito anos

Casimiro de Abreu

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
De despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

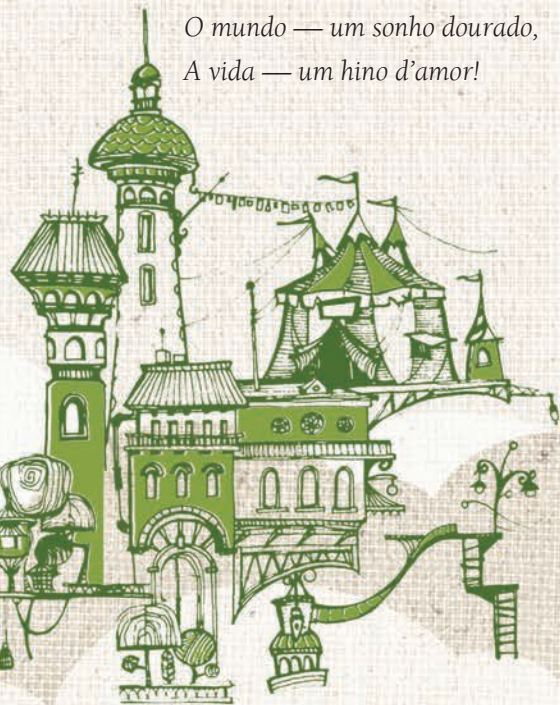
Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

[...]

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Lisboa, 1857.

Enciclopédia Itaú Cultural – Literatura Brasileira. Disponível em
<www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit>.



Pássaro livre

Sidônio Muralha

*Gaiola aberta.
Aberta a janela.
O pássaro desperta,
A vida é bela.*

*A vida é bela
A vida é boa.*

Voa, pássaro, voa.

*A dança dos pica-paus. Rio de
Janeiro: Nórdica, 1985.*

Haicai

Guilherme de Almeida

*Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se “Agora”.*

Guilherme de Almeida, in: Frederico
Ozanam Pessoa de Barros. *Guilherme de
Almeida*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

Trava-línguas

- » *Corrupaco papaco, a mulher do macaco, ela pita,
ela fuma, ela toma tabaco debaixo do sovaco.*
- » *Porco crespo, toco preto.*
- » *Um tigre, dois tigres, três tigres.*
- » *A pipa pinga, o pinto pia, quanto mais o pinto pia, mais a pipa pinga.*
- » *Olha o sapo dentro do saco, o saco com o sapo dentro, o sapo batendo papo e o
papo soltando vento.*
- » *Não tem truque, troque o trinco, traga o troco e tire o trapo do prato. Tire o trinco,
não tem truque, troque o troco e traga o trapo do prato.*

Domínio público.

Confidência do itabirano

Carlos Drummond de Andrade

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas...*

Sentimento do mundo. São Paulo:
Companhia das Letras, 2012.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond.
<www.carlosdrummond.com.br>.

Alma cabloca

Paulo Setúbal

*E, na doçura que encerra
Esta simpleza daqui,
Viver de novo, na serra,
Entre as gentes desta terra,
A vida que eu já vivi...*

Obras completas. São Paulo: Saraiva, 1958.



As Marias do meu lugar

Carlos Victor Dantas Araújo

I

Minha terra é pequenina
Fica aqui no Ceará
No Vale do Jaguaribe
Alto Santo aqui está
No Comando das Marias
Que progride esse lugar

II

Tem Maria sertaneja
Valente feito um trovão
Daquela que desde cedo
Faz o cultivo do chão
E a Maria tratorista
Que ajuda na plantação

III

Tem Maria lá na Câmara
Que é a vereadora
Tem Maria que cedinho
Limpa a rua com a vassoura
Tem aquela que ensina
A Maria professora

IV

A Maria forrozeira
Rodeia feito pião
Tem a Maria louceira
Transforma o barro com a mão
E a Maria morena
Com corpo de violão

V

Maria que no mercado
Vende o quente e o frio
E a Maria lavadeira
Faz espuma lá no rio
E a Maria açougueira
Com a faca faz desafio

VI

Maria no hospital
A Maria enfermeira
Lá na fábrica de tecidos
A Maria costureira
E aqui na minha casa
A Maria verdadeira

VII

Lá no altar da igreja
Maria diz o amém
Implora ao padroeiro
Para todos viver bem
A mãe do Menino Deus
Que é Maria também

VIII

Ah! Se em todo lugar tivesse
Assim tantas alegrias
E que fosse como meu
Nessa paz do dia a dia
Que faz o calor do sol
Dar força a essas Marias

Aluno finalista da 1ª edição da
Olimpíada de Língua Portuguesa
Escrevendo o Futuro em 2008,
6º ano da E. M. E. F. Urcesina
Moura Cantídio, Alto Santo – CE.

Cidadezinha qualquer

Carlos Drummond de Andrade

*Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.*

Carlos Drummond de Andrade, in: *Alguma coisa*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 49.
© Graña Drummond. <www.carlosdrummond.com.br>.

Cidadezinha

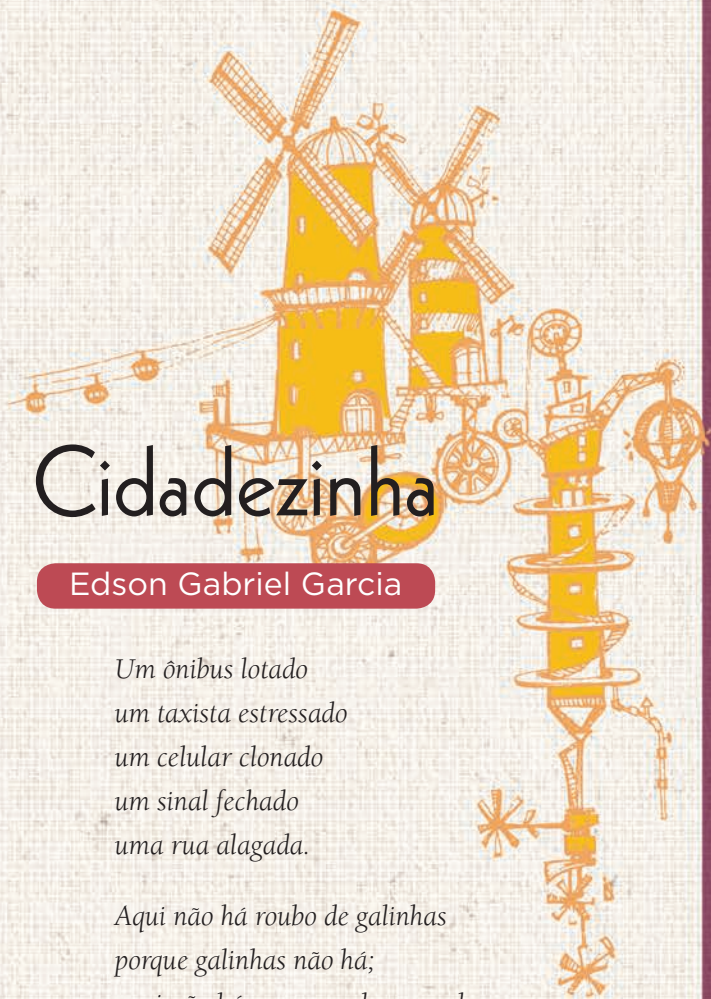
Edson Gabriel Garcia

*Um ônibus lotado
um taxista estressado
um celular clonado
um sinal fechado
uma rua alagada.*

*Aqui não há roubo de galinhas
porque galinhas não há;
aqui não há conversa de varanda
porque varandas não há;
aqui não há promessas de novenas
porque novenas não há.*

*Não há.
Então...tá.
“Eta vida besta, meu Deus!”*

Disponível em
<<http://www.escretoresongabriel.com.br/poemas.html>>.





PDE

Parceria



Coordenação
Técnica



Iniciativa



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL